

REFLEXÕES DE ANTOINE COMPAGNON SOBRE O QUE É CITAÇÃO

Audrey Cristina Barbosa¹

COMPAGNON, Antoine. **O trabalho da citação**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996. 176 p.

O francês Antoine Marcel Compagnon é professor de Literatura na Columbia University (EUA), escritor e crítico literário. Suas obras disponíveis no Brasil são: *O Trabalho da Citação* (1996), *O Demônio da Teoria: Literatura e Senso Comum* (1999), *Os Cinco Paradoxos da Modernidade* (2010), *Os Antimodernos* (2011), *Literatura Para Quê?* (2012) e *A Era das Cartas* (2019). O livro “O Trabalho da Citação” é composto por 39 tópicos. É possível fazer a leitura sem seguir uma ordem linear. Contudo, não é o mais indicado, pois não se trata de um dicionário ou enciclopédia. A obra apresenta as funções que a citação pode exercer em um texto. A palavra “trabalho”, de modo geral, significa a aplicação de forças para atingir um determinado fim. Exatamente isso que Compagnon apresenta: os diversos usos da citação em um texto para confirmar, ou refutar, uma ideia. O autor alega que escrever é um grande exercício de citação. O nosso discurso é composto por citações, memórias de tudo o que já lemos: “Ora, o que são os estereótipos e os clichês senão justamente citações?” (1996, P. 34). Compôr um texto é sempre reescrever, sob a nossa ótica, algo que já nos foi dito. No entanto, há funcionalidades específicas que uma citação pode desempenhar. No mundo acadêmico não existe texto científico sem citação, uma vez que, para confirmar uma teoria, é necessário dialogar com os demais pensadores a respeito do tema, para que se conclua algo, ou que se tenham as considerações finais mesmo sem uma conclusão, pois em Ciências Humanas nada é definitivo. Desta forma, essa conversa entre escritores é um dos trabalhos da citação.

Nesta obra, exemplos de citações são apresentados como metáforas: criança que recorta e cola, médico que extirpa um órgão e o transplanta em outro corpo, ou um alimento mastigado e deglutido. Lembrando que, ao fazer analogias ao corpo humano, também existe a possibilidade de o “organismo” rejeitar as citações. Diante disso, existe a reflexão sobre o

¹ Graduada em Artes Visuais pela Faculdade Paulista de Artes - FPA. Bacharel em Comunicação Social pela Faculdades Radial São Paulo – FARSP. Mestranda do Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Santo Amaro – UNISA. audreycristina@yahoo.com.br

que seria uma boa citação. A boa citação se acomoda no novo texto mas, para poder concluir algo a este respeito, primeiramente é preciso prestar atenção a como uma citação nasce. Compagnon afirma que alguns textos "pedem" para serem citados. Ou, como é descrito no livro, "são solicitados" (1996, p. 24). Essas "solicitações" ocorrem durante nossos estudos. Ao lermos algo, realizamos grifos, sublinhados ou destaques no texto. O grifo é a vontade de transformar aquela informação em citação.

Citar é uma forma de intertextualidade, a começar pelas epígrafes que apresentam as obras fazendo correlações sobre outro texto de maneira erudita e ornamental. Uma vez que escrever é o ato de falar o que já foi falado, a citação é uma prova do que está sendo dito. Essa autorização de usar o discurso de outro autor para comprovar suas ideias vem com um "carimbo gráfico" que legitima o seu valor. O que aqui chamo de "carimbo gráfico" é uma característica da apresentação visual que a citação possui que a difere do restante do texto: "Existe um sinal tipográfico da citação, um indicador, que equivale a "Eu cito": as aspas [...] O que as aspas dizem é que a palavra é dada a um outro, que o autor renuncia à enunciação em benefício de um outro" (1996, p. 52). O autor faz uma incursão à Antiguidade citando Sócrates, Platão Simónides e Aristóteles e expondo as reflexões de tais pensadores acerca da produção intelectual humana: da transição da cultura oral para a escrita, até a popularização dos textos impressos. Sendo assim, é possível concluir que, com o advento da imprensa, exemplares iguais foram disponibilizados aos leitores. Desta maneira, a validade de um discurso é confirmada por suas repetições, mas sempre haverá a possibilidade de algo ser dito de novo a partir de outras perspectivas. Por fim, expõem-se os demais elementos essenciais de um texto não-literário e como estes podem nos ajudar a selecionar qual leitura fazer de acordo com as necessidades do momento. É possível ilustrar tal pensamento com a seguinte citação:

[...] notas, índices, bibliografia, mas também prefácio, prólogo, introdução, conclusão, apêndices, anexos. São as rubricas de uma *dispositio* nova que permitem julgar o volume sem o ter lido, sem ter entrado nele. Se elas estão presentes, se respeitam as convenções, não é preciso prolongar o exame, o texto é seguramente receptível. (1996, p. 105)

Compagnon nos apresenta de uma forma poética, didática e autêntica as funções da citação em uma publicação. Trata-se de uma leitura importante para se compreender o porquê as citações serem necessárias a um trabalho acadêmico. É com o auxílio das citações que identificamos se uma proposta faz sentido, se tem algum tipo de comprovação ou se

auxilia na propagação de uma ideia, apresentando autores que debatem o mesmo tema. As citações devem ser utilizadas com parcimônia e coerência. Uma produção científica com poucas citações pode correr o risco de apresentar lacunas e não argumentar plenamente suas ideias. Por outro lado, o excesso de citações produz um trabalho sem a voz e a reflexão do autor.